

Para a Kay, *in memoriam*

A morte, em face da vida, que é breve, brevíssima, só se torna tolerável, graças aos entes queridos com quem convivemos, ao longo de nossa jornada. Mas, infelizmente, eles não são eternos e, de súbito, nos deixam, se também não os deixamos, com muitas lágrimas e saudades.

Em meu caso particular, foram os casos do queridíssimo Albano, uma das maiores vozes líricas de Portugal e de sua esposa, a também queridíssima, Kay, como era melhor conhecida.

Dela, me recordo, entre muitas coisas, do riso franco, aberto, do carinho especial para com todos. Devido à sua jovialidade e à capacidade de receber-me como um rei em sua casa, havia eu lhe posto o carinhoso apelido de “Santinha”, que adotou com alegria e sem maiores conversas.

Assim, éramos a “Santinha” e o “Santinho”, fiéis amigos que compartilhávamos a graça, o privilégio de ter junto a nós o poeta dos poetas, o Albano Martins, sempre a serviço das Musas...

E assim, ela nos deixou, para também cultuarmos a sua memória... com dor no coração e alegria na alma...

Álvaro Cardoso Gomes

Professor Titular de Literatura Portuguesa da USP, crítico literário e romancista

A nossa memória abriu-se para a Dr^a Conceição, a Tia Kay... e começou a encher-se de momentos bons, sorrisos, atenções, aprendizagens.

Uma vida longa, mas demasiado curta, como são todas as de quem viveu para amar, partilhar, ensinar, fazer o que deve ser feito.

Saudade.

Ângelo Paupério

Do outro lado da conversa, havia sempre um livro a acontecer ou uma brincadeira para me desafiar: "A menina sabia que..." A Kay, vizinha da família, desde sempre, falava comigo à janela do muro das nossas casas. Vai habitar a minha memória como uma voz das coisas que foram tocadas pelo fogo artístico.

Inês Sousa

A Kay surge nas minhas primeiras recordações de infância, como a vizinha dos meus avós. A sua presença acompanhou a minha vida, com as conversas ao portão, com idas a sua casa, onde, em criança ficava fascinada com a sua pintura gigante, aos meus olhos de criança, colocada na parede do fundo da sala, com as aulas de artes das quais foi minha professora. A Kay foi, para mim, um exemplo de distinção, cultura e progresso.

Joana Sousa

“A palavra amizade”

Conheci Albano e Kay em 1990, quando de minha primeira apresentação de comunicação no Congresso Internacional da ABRAPLIP, na UFRJ. Era um rapaz de 23 anos, na época, que mal havia terminado a graduação e aventurava-se pelos caminhos académicos da pós-graduação. Lembro-me perfeitamente do meu nervosismo em expor as minhas reflexões, ainda muito imaturas, sobre *Rodomet. Rododendro*, talvez, na minha perspectiva, um dos grandes poemas em prosa da literatura portuguesa do século XX. Ao final da mesa, muito tímido, dirigi-me ao poeta: “Não sei se gostaste. Ainda tenho muitas dúvidas”. Ao que ele me respondeu: “Ainda bem. Eu as tenho até hoje e é por causa delas que eu continuo a escrever”. Poderia ser uma resposta simplória, mas, na verdade, era o testemunho sincero de um escritor maior de Portugal, que merece toda a atenção que, infelizmente, ainda não a tem. Também me recordo que, neste mesmo dia, ao lado dele, estava Kay, sorridente e sempre muito simpática, querendo saber os motivos pelos quais escolhi a obra do Albano para falar. Respondi-lhe que não sabia. Apenas senti-me mergulhado naquele cenário da Ribeira até à Foz, e parecia que estava lá com ele, qual Dante sendo guiado por Virgílio, por uma paisagem absolutamente arrebatadora e magnética, com uma atração sedutora que eu não sabia explicar. Em seguida, ela respondeu-me com um sorriso profético: “Precisas conhecer a paisagem do Norte, do Douro, de Gaia até ao Porto!”

Mal sabia eu que, quatro anos depois, em 1994, estaria realizando o meu sonho de ir a Portugal pela primeira vez, sendo recebido por Albano, Kay e Isabel.

Diz o ditado popular que “Por detrás de um grande homem sempre há uma grande mulher”. Desculpem-me aos que dão muita ênfase a esses ditos, porque, no caso de Kay, é preciso modalizar esse discurso. Acredito que, se Albano Martins foi um grande e premiado escritor, não foi porque possuía uma grande mulher atrás de si, mas **ao seu lado**, sempre.

Era assim que os via e assim continuo a pensar na figura deste casal, que tanto fez pela minha formação como professor, pesquisador e homem.

Com a sua simpatia e a sua graciosidade (diria mesmo, *giocosidade*, porque eu acreditava sempre nas peças que ela me pregava, e sempre dávamos muitas gargalhadas depois), Kay atraía a admiração dos amigos pela força, pela energia e pela potência, transmitidas muitas vezes por um breve olhar. Sem nunca perder a elegância, marca registrada de sua presença, quando chegava em algum local, seja para receber alguma homenagem em nome de Albano, seja para prestigiar algum evento, ela simplesmente preenchia o lugar inteiro com a sua aparição.

Não era de falar muito em público, e também não gostava de fotos, motivo, aliás, de muitas risadas nos nossos encontros. Mas nem era preciso. Seu olhar e seu sorriso demonstravam a força de alguém que sempre lutou contra o apagamento da memória cultural e as injustiças contra um dos grandes poetas da língua portuguesa. Artista plástica com uma percepção agudíssima e muito sensível, ela sabia apreciar as obras mais canónicas e conhecidas e, ao mesmo tempo, observava com atenção os novos talentos que iam surgindo na pintura, na arquitetura, na literatura.

Conversar com a Kay em algumas horas era uma experiência ilimitada de aprendizado e de humanidade. Conhecia as estéticas e as obras de arte como ninguém, e explicava-as com um detalhismo e com uma atenção, condizentes com o seu espírito pedagógico de quem quer passar o conhecimento adiante.

Felizmente, sou um privilegiado de poder dizer que Albano, Kay e Isabel são a minha família portuguesa, quando, em muitos momentos, os meus parentes sequer olhavam para mim. Vivi para poder conhecer Albano e Kay e pude com ela aprender inúmeras coisas. Mas, talvez, a mais significativa e preciosa tenha sido aquela que Albano Martins enuncia no seu poema em prosa “Andorinhas”, de *O espaço partilhado* (1998): “Entrai, entrai: a casa é vossa e tenho inscrita à entrada a palavra **amizade**” (grifo meu).

Sim, amizade sincera, carregada de afetos, de admiração, de carinho e de respeito. Sei que toda partida não é fácil, porque deixa aquela saudade (expressão tão portuguesa!) batendo no coração. Arrisco-me a dizer, no entanto, que Kay bem gostaria que não baixássemos a cabeça, mas que olhássemos para frente com serenidade e equilíbrio, tal como Albano Martins, seu eterno companheiro, enunciara no último poema de *O espaço partilhado* (1990): “Herdamos uma casa. Para nela morar. Para olhar, de seus verdes terraços, o horizonte do mundo. Uma casa chamada futuro. Chamada esperança. Ou chamem-lhe antes vida, se quiserem”.

Casa, horizonte, futuro, esperança e vida. Palavras-chave de Kay. Que sejam elas estímulos para não deixarmos a recordação desta grande mulher se perder.

À Isabel Martins, aos familiares e aos amigos de Kay, o meu fraterno e sentido abraço (poderia dizer, também, sorriso, porque ela gostaria), do lado de cá do Atlântico.

São Carlos, 22 de outubro de 2025.

Jorge Vicente Valentim

Professor Titular de Literaturas de Língua Portuguesa/Departamento de Letras/UFSCar.

sem palavras

me ensinaste

que o amor é feito

de rotinas

uma dança

de pupilas atentas e

mãos disponíveis

Para a Kay da Luísa

Maria Luísa Malato

Quando penso na Kay, a primeira palavra que me surge é «afecto». Assim mesmo com o «c» de braços abertos, como nos recebia sempre.

A Kay que me ensinou o que é um «esquiaço», que as Monsteras dão o fruto delicioso, e mais história da Literatura Portuguesa que muitas aulas da Faculdade de Letras.

A Kay que lia a poesia do Albano como ninguém e que com ele partilhava, entre muitas coisas, a verticalidade das árvores e a sensibilidade para as coisas belas.

A Kay que nunca vi ser menos do que delicada, a quem nunca chegava apenas um pacote de açúcar no café, que era dona de uma ironia fina e de um riso de menina travessa.

A Kay que contava histórias, que trazia para a conversa os amigos, presentes e passados, que recebia deles apelidos como prémios e que, quase sempre, lhes acrescentava um «meu» para nos lembrar que passamos a ser um bocadinho dela, como ela era um bocadinho nossa.

A Kay que permanece, como nas palavras do Poeta, *em tempo e memória*.

Matilde Queirós Vieira

Conheci a Tia Kay no Liceu Nacional de Vila Nova de Gaia. Alegre, amiga e sempre disponível para ajudar. Nasceu, a partir daí, uma ligação forte que, mais tarde, veio a ser alicerçada pela minha Isabel.

Um beijo do Paulo

Paulo de Cabral-Vaz

A Kay foi uma mulher admirável.

Culta, formada em Belas Artes, unia à sua sensibilidade artística uma inteligência viva e uma visão muito à frente do seu tempo.

Após o falecimento do marido, o grande poeta Albano Martins, dedicou-se à criação e dinamização da fundação que leva o seu nome, preservando e divulgando a sua obra com amor e rigor.

Foi uma amiga verdadeira, uma presença estimulante, que deixa em mim uma lembrança profunda e cheia de gratidão.

Vasco Salvado